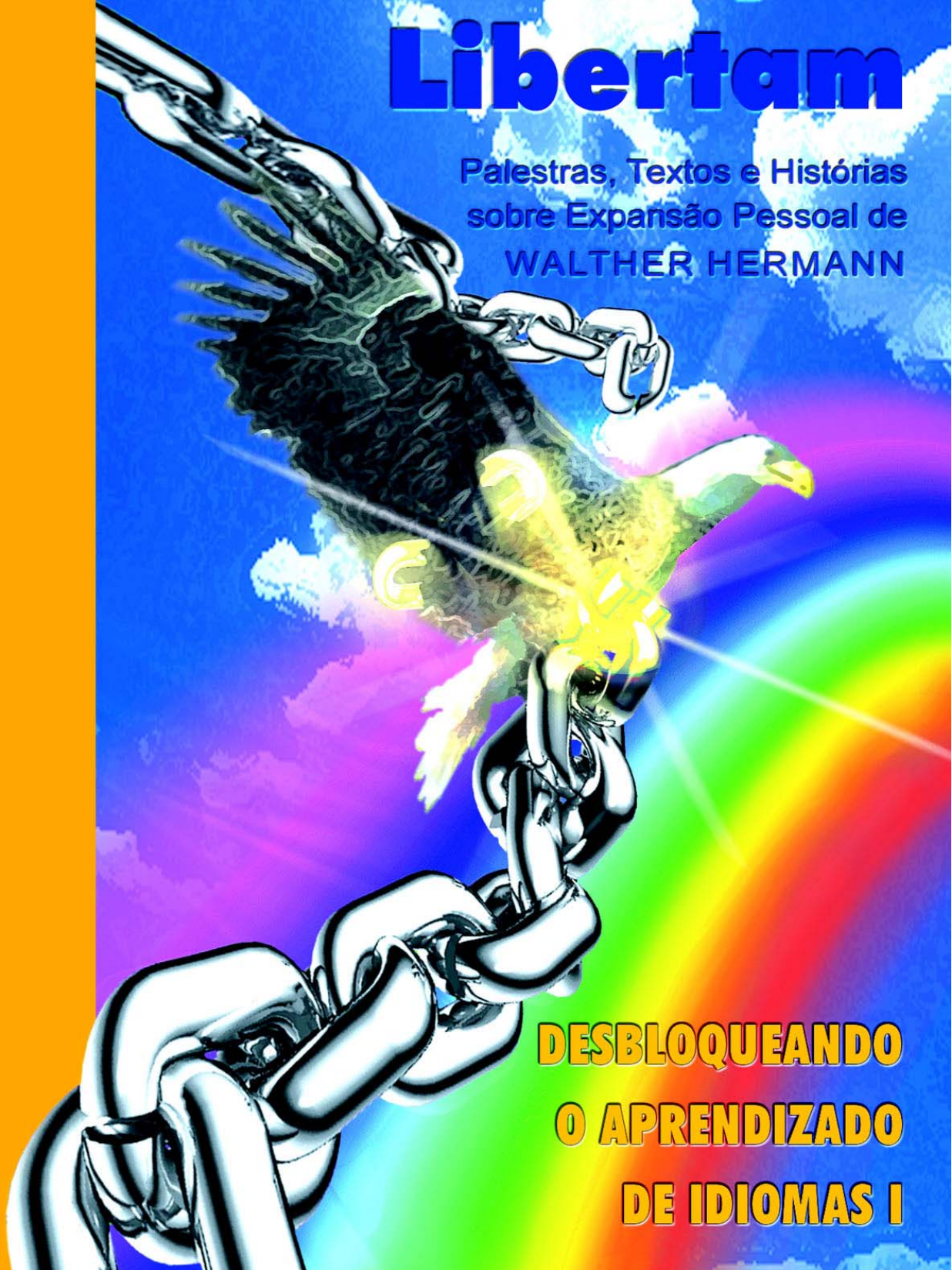


Histórias que Libertam

Palestras, Textos e Histórias
sobre Expansão Pessoal de
WALTHER HERMANN



**DESBLOQUEANDO
O APRENDIZADO
DE IDIOMAS I**

COLEÇÃO HISTÓRIAS QUE LIBERTAM

DESBLOQUEANDO O APRENDIZADO DE IDIOMAS I

Walther Hermann
2011

Edição e produção: Walther Hermann

Editoração e Fotelitos: JOIN Bureau de Editoração

Revisões: Danae Stephan

Criação e produção da capa: Gerson da Silva Domingues

Supervisão artística da capa: Gilson da Silva Domingues

Finalização da capa: Neide Siqueira

Direitos autorais: Walther Hermann Kerth

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Histórias que libertam: expansão pessoal /
Palestras, artigos e textos de Walther Hermann.
— São Paulo: W. Hermann, 2011.

Obra em 12 v.
ISBN 85-900811-8-4

1. Auto-ajuda – Técnicas 2. Conduta de vida
I. Hermann, Walther.

00-629 CDD-158.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento pessoal: Psicologia aplicada 158.1
2. Potencial humano: Desenvolvimento: Psicologia aplicada 158.1

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO

Home-page: www.bloqueios.com.br E-mail: potencial.humano@uol.com.br

Fone: (19) 3258-6008 – Fone/Fax: (19) 3258-4454 – Campinas – SP

Cenário inicial

Em fevereiro de 1999, foi publicado num jornal de grande circulação um caderno especial sobre a aprendizagem de idiomas cuja capa fazia menção, em letras garrafais, à chamada de 600 horas. Esse título referia-se ao tempo necessário para a conquista do domínio de uma língua estrangeira.

As escolas mais conhecidas e conceituadas ofereciam programas de 640 a 870 horas de curso, a um custo de R\$ 15 a R\$ 20 por hora. Qualquer pessoa que receba como remuneração um valor superior a R\$ 20 por hora de trabalho, certamente estará investindo muito mais em tempo do que em dinheiro.

Essa reportagem, enfática na abordagem tradicional, parecia desprezar as evidências daqueles casos de pessoas que aprendem a falar outros idiomas sem nunca freqüentar uma escola convencional de línguas. Muitas das quais são até professores em algumas dessas instituições.

Naturalmente, devia-se ler completamente a matéria para constatar que o modelo apresentado de prática e ensino de línguas estrangeiras necessita de algumas modificações que incorporem o conhecimento atual das ciências e tecnologias de vanguarda relacionadas à aprendizagem, como as neurociências, pesquisas sobre realidade virtual e comportamento e, principalmente, um levantamento de dados mais preciso que diferencie as pessoas que se submetem a tais programas educacionais, quais são bem-sucedidas e quais fracassam (considere os diferentes estilos de aprendizagem, interesse e disponibilidade).

Tenho um amigo inglês, que chegou ao Brasil em agosto de 1998, instrutor de uma das escolas famosas citadas naquela matéria, que se surpreendeu com o fato de muitos de seus alunos não possuírem interesse sério em aprender, mas apenas em serem aprovados nas avaliações e receberem certificados de conclusão. Para a sua mentalidade de europeu, isso era chocante.

Acredito que em nenhuma outra cidade do planeta exista uma densidade populacional de escolas de idiomas tão grande como a que temos na cidade de São Paulo.

No mesmo mês, nas regiões nas quais circulo mais freqüentemente, observei que talvez 20% dos outdoors eram sobre escolas e cursos de idiomas.

Embora essas competências – falar fluentemente inglês e espanhol – sejam cada vez mais importantes para nós, brasileiros, em nossa vida profissional, o futuro dessas escolas pode ser sombrio.

No exato dia da elaboração deste texto, vi na televisão uma propaganda sobre os processadores Pentium 3. Recebi também a informação de que, no ano de 1999, entrou em operação uma linha telefônica entre Estados Unidos e Japão com tradução simultânea.

Acredito que, em muito poucos anos, talvez dez ou quinze no máximo, todo esse mercado será pulverizado pela evolução da tecnologia. Se não levarmos em conta a dimensão social (ambientes nos quais as pessoas também exercitam seus relacionamentos pessoais e sociais) de tais empreendimentos, certamente essas empresas terão que se reposicionar ou desaparecerão do mercado.

Somente como curiosidade: vivemos numa época em que os adolescentes e jovens adultos tiveram como heróis, desde pequenos, seres com habilidades super-humanas – por mais fantasiosos que sejam, são esses modelos que possivelmente guiarão as buscas de nossa futura humanidade (assim como, um dia no passado, chegar a colocar os pés no solo lunar era pura fantasia).

A humanidade, cada vez mais, anseia por um desenvolvimento das tecnologias educacionais que façam frente à evolução das nossas atuais engenharia eletrônica, biotecnologia, nanorrobótica etc. E, no âmbito da aprendizagem de línguas, quase nada acontecia de novo há décadas.

Se você agora possui dúvidas sobre a efetividade dos cursos aos quais se submete, poderá avaliar algo a partir das seguintes questões:

1. Como você se sente durante a aula: tratado como um adulto ou como uma criança? Os métodos mais modernos tratam o adulto como adulto, por isso existem pessoas que aprendem um idioma em apenas seis meses. Não há necessidade de que um adulto inicie seu aprendizado apenas na linguagem concreta.

Poderá abordar a nova língua com todas as suas dimensões de percepção ativadas e incluindo as habilidades já conquistadas.

2. O tipo de aula é suficientemente caótico? 95% das pessoas acreditam que a melhor forma de aprender uma nova língua é se mudarem para o país de origem desse idioma – nessas condições, nossa mente inconsciente é convidada a trabalhar para sintetizar as percepções. Essa é a melhor forma de aprender...

E esse aprendizado se processa no caos!

3. Após cada seis meses de curso, foi agregado algum resultado específico e prático à sua **habilidade de falar e compreender**? Pesquisas de laboratório sobre comportamento e interação humana atestam que 93% da comunicação é não-verbal. Portanto, uma ênfase extrema em aprendizagem de vocabulário e gramática não garantem ou agregam resultados à habilidade de conversar imediatamente. No entanto, observando o processo natural de aprendizado de uma criança, chegamos à conclusão de que tudo fica mais fácil quando já se fala a língua cujo estudo será mais detalhado semântica e gramaticalmente.

4. Na prática, ligue a televisão a cada dois meses, pelo menos, e observe se sua compreensão melhorou. Alguns dados irão ajudá-lo: para se falar fluentemente uma língua, é necessário ter de 2.000 a 3.000 palavras em vocabulário ativo.

5. Uma pesquisa da USP constatou que o nosso português falado no dia-a-dia se utiliza de apenas 600 palavras. Muitas pessoas “morrem na praia” nesse empreendimento. Estabeleça metas de compreensão e perceba se seu curso o ajuda a atingi-las ou superá-las.

6. Num período que varia de 2 a 6 meses de curso, você já teve o primeiro sonho naquele novo idioma? Quando alguém se muda para o país de origem de uma determinada língua estrangeira, leva de 2 a 6 meses para falar aquela língua. Não obstante, a “primeira bandeira” de conquista dessa habilidade é representada pelas primeiras ocasiões nas quais nossa mente inconsciente nos oferece suas evidências de resultados de aprendizagem: o sonho nesse idioma.

7. Caso você não tenha sonhado até o primeiro ano de estudo, desconfie... Não está sendo investido o tempo necessário na construção de sua identidade de falante de outro idioma e sua mente inconsciente não está sendo suficientemente estimulada.

Enfim, existem muitas perguntas que podem nos orientar às percepções e à compreensão com relação à desatualização dos métodos tradicionais.

Entretanto, nossa curiosidade talvez nos convide a sonhar com um dia no qual, como num passe de mágica, aprenderemos muito rapidamente, com muito mais autonomia e conforto. Já sonhamos um dia com uma época na qual as máquinas trabalhariam por nós – o dia chegou, e agora?

Lembre-se, as novas gerações tiveram como modelos os super-heróis. Isso representa uma mudança de perspectiva essencial no curso da história de nossa civilização – pense bem, pelo menos na nossa imaginação já existem tais possibilidades.

No futuro, já com (19) ou 12 anos, um indivíduo terá adquirido o conhecimento correspondente a um nível de doutoramento na universidade, é isso o que prometem as pesquisas em realidade virtual e aprendizagem profunda.

E sabe-se lá, ainda, o que mais vem por aí. Não obstante, os computadores, tradutores eletrônicos pessoais e a realidade virtual permitirão que as mais fantasiosas cenas de filmes de ficção científica se tornem realidade.

Apresentação

Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras é um programa de treinamento instrumental em estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras com o objetivo de abreviar a jornada de aprendizagem de habilidades de comunicação e expressão em outras línguas.

Esse sistema foi especialmente desenvolvido para todos que desejam aprender de forma mais rápida, simples e agradável ou para quem não tem se adaptado às metodologias convencionais de estudo de idiomas.

O público principal dessa abordagem constitui-se de pessoas que desejam ou necessitam falar outras línguas, sejam iniciantes absolutos, pessoas que já lêem e/ou escrevem ou mesmo aquelas que já falam outros idiomas, mas ainda não aprenderam a pensar na própria língua estrangeira.

O caminho mais curto para compreender essa metodologia é por comparação com um curso convencional de idiomas. Quando uma pessoa se matricula em um curso tradicional de línguas, metaforicamente podemos compará-la a quem compra um “peixe”. Esse método possui como objetivo “ensinar a pescar”.

Muitos de nós já ouvimos falar em pessoas que possuem uma grande facilidade de aprender idiomas, que aprendem sem esforço algum. Possivelmente também já tenhamos ouvido falar que existem alguns professores de línguas que nunca freqüentaram um curso formal de idiomas: são autodidatas.

Cada um de nós, um dia, já fez parte de pelo menos um desses grupos – quando éramos crianças. E essas pessoas não possuem, de fato, “um olho ou um ouvido a mais”. Apenas usam seu aparato sensorial de uma forma mais útil para essas aprendizagens específicas.

Esse programa, portanto, pretende instalar e ativar esses instrumentos e ferramentas de alto desempenho, próprios de processos naturais e inconscientes de aprendizagem, para que o indivíduo adquira **autonomia** para orientar-se durante o seu processo de aprendizagem de idiomas.

Efetivamente, todos nós já fomos extremamente bem-sucedidos na mais complexa das tarefas: aprender a “primeira grande língua estrangeira”, antes da qual sequer tínhamos o pensamento lógico estruturado nem sabíamos falar! É a chamada língua mãe.

Considerando esse sucesso precoce, podemos nos perguntar: por que deixamos de nos utilizar daquela forma natural e simples de aprender?

As habilidades treinadas nesse método também permitem aos participantes a descoberta de significativos ganhos secundários, que incluem as aprendizagens inconscientes, soluções terapêuticas, planejamento pessoal e descoberta do infinito manancial de conhecimento que reside dentro de cada um de nós.

Graças a essa outra dimensão desse sistema, ele também se destina a pessoas que desejam melhorar a comunicação em público, sua concentração, sua criatividade, automotivação e aprender a gerenciar o estresse decorrente dos processos de aprendizagem e mudança.

As tecnologias utilizadas incluem o uso da Aprendizagem Inconsciente, do Aprendizado com o Hemisfério Cerebral Direito, da Programação Neurolingüística e da Aprendizagem Acelerada.

“Encontre um ponto de apoio, e será possível levantar o mundo!” é uma frase célebre de um filósofo do passado que havia descoberto como realizar grandes tarefas com pequenos esforços – o princípio da alavancagem.

É quase unânime a ponderação de que a melhor forma de aprendermos línguas estrangeiras é nos mudarmos para o país de origem dessas línguas. Nessas circunstâncias, o aprendizado é, consensualmente, completamente caótico.

Contraditório, não? Por que, então, as escolas convencionais tornam as aulas tão organizadas e lineares?

Há algo ainda bastante interessante. Todos nós temos dito que talvez seja mais difícil aprender a primeira língua estrangeira, porém ao aprendermos a segunda, terceira etc., torna-se progressivamente mais fácil.

O que aprendemos além da língua que torna os próximos aprendizados mais fáceis? Aprendemos a aprender! Aprendemos o que é importante e o que não é, aprendemos a perceber, a nos concentrar e a nos expressar com outras sonoridades.

O Programa de Treinamento Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras é uma moderna tecnologia, elaborada com o objetivo de instrumentalizar pessoas para a aprendizagem rápida e efetiva de comunicação e expressão em línguas estrangeiras.

É uma abordagem direcionada a pessoas que ainda não conhecem o potencial de recursos de aprendizagem que reside em suas mentes interiores (dizem que um humano mediano utiliza-se de apenas 5% de suas capacidades mentais!).

Resumo

Em síntese, é um **sistema** para desbloquear a comunicação e a aprendizagem de outros idiomas. Serve essencialmente como um “**lubrificante**” para aprender e desenvolver fluência em outras línguas.

Possui como resultado essencial a conquista de **Autonomia na Aprendizagem** baseada na filosofia do “**Aprender a Aprender**”.

Foi especialmente construído para pessoas que não têm se adaptado às metodologias convencionais de estudo de idiomas e para aquelas que querem **aprender de forma mais rápida, natural e agradável**.

Comparado com cursos de idiomas tradicionais, esse programa se diferencia por “**ensinar o indivíduo a pescar**”, em vez de lhe “dar o peixe”.

Possui como principais objetivos **ativar percepções e “instrumentos mentais”** que permitam o aprendizado rápido e natural de outros idiomas a partir das tecnologias da “**Aprendizagem Inconsciente**”.

Serve para desenvolver a compreensão do processo de alavancagem em aprendizagem baseado nos seguintes pilares: desenvolvimento de percepção de inflexões rítmicas e sonoras, disponibilidade mental e emocional, auto-motivação, estratégias de aprendizagem, sensibilidade e auto-confiança.

Também ajuda a ativar recursos de comportamento úteis à “sobrevivência” em ambientes caóticos (tais como o discernimento na aprendizagem).

Programa

O programa desse método inclui os seguintes temas:

- Construção da identidade de bom falante de outros idiomas;
- Construção da memória profunda e da estratégia de resgate de línguas já aprendidas;
- Ativação da curiosidade natural por novas sonoridades de outras línguas;
- Compreensão da comunicação profunda e da empatia;
- Desbloqueio, tornando úteis as nossas próprias dificuldades;
- Transcendência e Alavancagem na aprendizagem de idiomas.

Esta dimensão do Sistema **OLeLaS (Open Learning Language System)**, como explicado anteriormente, tem a finalidade de expor as razões e a estrutura de funcionamento aparente de todo o processo de aprendizagem e efetivação da habilidade de falar em outros idiomas.

Naturalmente, algumas outras questões podem ser suscitadas pela reflexão detalhada sobre esses assuntos relacionados com a compreensão dos processos de aprendizagem e as contradições que motivaram a construção desse programa.

Na medida do possível, acredito que a maior parte das soluções serão encontradas através de modelos teóricos que estejam fundamentados na observação do processo natural, até que, um dia, algum novo modelo científico possa nos oferecer um atalho não intuído a partir da observação, porém mais efetivo em resultados.

Até esse dia, quando e se ele chegar, proponho uma meditação sobre as idéias apresentadas nesta parte do programa, com o objetivo de construir uma atitude essencial para compreender mais visceralmente as evidências.

Algumas informações desta parte já foram, ou serão, novamente apresentadas com maior ou menor detalhe. Faz parte da linguagem circular.

Nesta parte, considero útil, também, apresentar algumas experiências que serviram de referência para a arquitetura dessa metodologia. De um modo geral, são fatos que vivenciei, completamente esparsos e desconexos no tempo, e que, ao tomar consciência, revelaram-se somente curiosas percepções.

Num belo dia, ao sintetizar os objetivos para este programa, percebi que aquelas memórias eram os tijolos básicos para a concepção deste projeto. Chamei-as de experiências ou memórias de referência.

Durante meus seminários, tenho o hábito de apresentar, inicialmente, os objetivos e a arquitetura básica do programa. Diferente da estrutura do livro, que pode ser lido de qualquer maneira, um treinamento tem início, meio e fim.

Reservo sempre para o início a explicação racional do processo, para persuadir e motivar as pessoas a aceitar as experiências e convites ao trabalho. Após o contato inicial, costumo me apresentar profissionalmente.

Não obstante, falando sobre as origens essenciais das minhas buscas e pesquisas, necessariamente, acabo me remetendo às fontes nas quais saciei parte da minha sede.

Contradições do Sistema Formal

Como educador, inventor e empresário, muitas foram as questões que me motivaram a pesquisar mais detalhadamente esse universo da educação.

Inicialmente, entretanto, acredito que a baixíssima efetividade nos resultados dos programas convencionais de estudo de idiomas foi a observação mais curiosa e destoante.

Acredito que talvez 90% das pessoas que, neste exato momento, estão matriculadas num curso convencional de línguas estrangeiras não vão atingir seus objetivos no prazo que as escolas estabelecem, com os métodos que usam.

As questões apresentadas a seguir se constituíram no segundo trampolim para a síntese deste projeto.

Um Número Mágico

Conforme já apresentado no **Cenário Inicial**, os laboratórios de pesquisa sobre comportamento e comunicação humana mostraram uma realidade muito interessante sobre a natureza da comunicação interpessoal.

Estas informações são apresentadas em qualquer livro sobre PNL (Programação Neurolingüística). Em alguns casos particulares da comunicação interpessoal humana, a importância das palavras propriamente ditas foi estimada em apenas 7%. Evidentemente isso não pode ser tomado como uma generalização e foi uma pesquisa obtida a partir de situações de laboratório nas quais foi feita uma “matemática” das interações. Entretanto, mesmo representando casos muito particulares, esses dados revelam aspectos da comunicação que não são normalmente levados em consideração:

- 7% da comunicação são as palavras (verbal);
- 36% da comunicação corresponde às sonoridades (não-verbal);
- 57% da comunicação é constituída de expressão corporal e gestos (não-verbal).

Aqui fica aparente como são construídas nossas primeiras e principais dificuldades para aprender uma nova língua.

Por anos, durante o ensino básico e formal de idiomas, aprendemos, detalhada e repetidamente, conhecimentos e padrões que correspondem a apenas 7% da comunicação, ou seja, aproximadamente

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO

Home-page: www.bloqueios.com.br E-mail: potencial.humano@uol.com.br

Fone: (19) 3258-6008 – Fone/Fax: (19) 3258-4454 – Campinas – SP

99% da ênfase da educação é dada a apenas 7% das reais necessidades de ferramentas para se comunicar naquela língua. Completamente absurdo, não?

Até o nosso cachorrinho sabe disso. Experimente falar a ele palavras de carinho num tom de bronca.

Tente agora dar-lhe uma bronca usando o tom de voz que usa para fazer-lhe carinho. E esses padrões não-verbais não são levados em conta no ensino convencional!

Somos induzidos a crer que estamos aprendendo ou aprendemos aquele idioma. Entretanto, quando não conseguimos nos expressar através dele, pensamos ou imaginamos possuir bloqueios de expressão. Não! Não! Não!

Falta a recontextualização daqueles conhecimentos no ambiente da expressão e “horas de vô” de comunicação interpessoal naquele idioma para cristalizar definitivamente aquelas aprendizagens na comunicação verbal.

Até, surpreendentemente, como também já comentado, existem professores de idiomas, nessa fase do aprendizado formal, que sequer falam ou falaram a língua que estão “ensinando”.

Evidentemente, por mais interessante que você conclua ser essa informação de que **93% da comunicação humana é não-verbal**, podem restar algumas questões: “Como podemos utilizar esse conhecimento a nosso favor?”, “Na prática, o que isso representa?”.

Realmente, não gostaria que você apenas começasse a propagandear isso sem saber utilizar essa informação a seu favor. Esse tipo de informação, proveniente da pesquisa científica, pode ser muito interessantes, mas...

Cada vez que ofereço esses dados, ocorre-me sempre algo que corresponde a uma dúvida existencial minha. Preciso compartilhar: qualquer livro de ciência básica, em suas primeiras páginas, apresenta os modelos científicos nos quais estão fundamentadas as informações que se seguirão.

Um dos que mais me convida à reflexão é o Modelo Atômico. Efetivamente, aprendemos que a matéria física é constituída de átomos.

Que os átomos são partículas tão pequeninas, que nem nossa imaginação é capaz de alcançar. Porém, na dimensão do átomo, o seu núcleo é ainda incomparavelmente menor.

Para você ter uma idéia de proporção, se o menor átomo conhecido que existe (o átomo de hidrogênio) tivesse a extensão de um prédio de três andares, seu núcleo teria o tamanho de uma cabecinha de alfinete.

O restante seria, praticamente, espaço vazio. Isso me leva a concluir que 99,9% da matéria sólida se constitui de espaço vazio! Os cientistas se preservariam afirmando que existem campos de força ou forças extremamente poderosas atuando nesses espaços diminutos para manter a consistência da matéria.

Eu, porém, penso... por que minha mão não atravessa a matéria sólida? Não é quase tudo espaço vazio? Tanto uma parede quanto minha própria mão?

Talvez a esta altura você esteja se perguntando: “O que isso tem a ver com nossos objetivos?”.

Acompanhe-me por apenas mais alguns instantes... Para aproveitar melhor, traga de sua memória a lembrança de algum sonho que teve em uma noite qualquer.

Sim, um sonho daqueles que temos ao dormir. Escolha o mais fantasioso dos que você se lembrar. Eu não sei qual é o seu sonho, porém, eu garanto algumas coisas:

1. No seu sonho, o mundo é de cabeça para cima. Não é de ponta-cabeça ou invertido, como poderia ser. Afinal de contas, é somente um sonho. Nem é inclinado, como nos filmes do *Batman*. E poderia ser... É só um sonho!
2. No seu sonho, se você estiver caminhando (muitos voam), o chão é tão duro quanto você poderia imaginar. E não precisava ser, pois você poderia cair através do chão. Não há nada de mais imaterial do que um sonho... Por que é duro e impenetrável, então? Nos sonhos, também seria possível atravessar

paredes. Onde estão os limites? Perceba que nossos próprios condicionamentos criam nossas percepções e realidades, isto é, os limites talvez estejam apenas em nossas mentes.

3. No seu sonho também vale a Lei da Gravidade, independentemente de qual seja o sonho. Você talvez voe, mas para as outras coisas, vale essa lei! E não precisava ser assim. É somente um sonho! Tudo poderia flutuar!

A cada noite que acordo, ainda meio sonolento, para ir ao banheiro e acidentalmente chuto o pé da cama ou bato a cabeça no armário, lembro-me de duas ou três gerações de quem colocou aqueles obstáculos ali – não tem nada de vazio ali! No entanto, minha mente científica me diz: “É quase tudo espaço vazio...”.

Agora reapresento minha dúvida: eu não sei, eu não tenho certeza, se as coisas são como são porque assim devem ser... ou se são como são por nós acreditarmos que assim devem ser.

Claro que esse tipo de crença estaria instalada num nível inconsciente coletivo bastante profundo. E, durante sua educação, uma criança inconscientemente vai apreendendo tais realidades.

Portanto, quando nos referirmos ao número mágico 93%, espero que ele, coordenadamente, ative nossa percepção e compreensão mais viscerais de como utilizá-lo a nosso favor.

A Linguagem Universal

Um fato muito curioso é observarmos crianças que possuem até cinco ou seis anos se comunicarem.

Em geral, em pontos turísticos de grande convergência de estrangeiros, tais como Foz do Iguaçu, no Paraná, Pão de açúcar ou Corcovado, no Rio de Janeiro, ou Salvador, na Bahia, percebemos que, menos do que nós, brasileiros, os europeus ou americanos fazem viagens internacionais com os filhos.

Porém, muitas vezes, podemos observar crianças de diferentes nacionalidades, raças e culturas circulando nesses locais.

Quando essas crianças se encontram, independentemente de sua procedência, sexo, raça, cultura ou idioma de origem, até cinco ou seis anos, elas se comunicam perfeitamente bem: brincam juntas, criam jogos, estabelecem regras, cada uma falando na própria língua – mesmo sem conhecer o(s) outro(s) idioma(s).

Que tipo de linguagem é essa, que já possuímos algum dia e que, por alguma razão, deixamos de utilizar? Que tipo de língua é essa que permite que crianças se comuniquem universalmente?

Exceções

De fato, além dessa flexibilidade em se comunicar, é atribuída à criança uma grande competência em aprender rápida, fácil e naturalmente. Entretanto, o aprendizado da língua mãe é mais complexo e difícil.

Pense bem: simultaneamente, a criança, além de aprender as palavras (7%) e os padrões não-verbais de comunicação e interação (93%), ainda depende do aprendizado do raciocínio lógico (estruturação do pensamento racional) e dos padrões de coordenação motora de todo o aparelho fonador (sistema motor envolvido na fala: desde a respiração até a dicção).

Essa jornada de aprendizado da língua por uma criança leva talvez de três a cinco anos, nunca chegando a um termo. Embora seja crença comum que uma criança aprende com mais facilidade, como explicar, então, que existem adultos que necessitam de apenas seis meses, ou até menos, para dominar um novo idioma?

Naturalmente, essas pessoas não precisarão aprender a falar ou a pensar novamente. É claro, também, que essas pessoas já foram bem-sucedidas em aprender, inicialmente, a língua mãe (como todos nós), e na próxima língua não precisarão aprender a se comunicar ou a pensar novamente.

Essas qualidades servirão para qualquer outro idioma. Uma conclusão simples: **o adulto aprende um novo idioma com muito mais facilidade que uma criança!**

Mais do que isso, tantas e tantas pessoas aprenderam definitivamente a falar uma nova língua de formas não ortodoxas, alguns sem se mudar para o país de origem do idioma, alguns sem frequentar um curso formal de idiomas, ou mesmo sem estudar, alguns em apenas seis meses ou menos (e algumas dessas pessoas até se tornaram instrutores de línguas estrangeiras!).

Todos esses tipos de pessoa não são diferentes de nós; não possuem um olho a mais, nem ouvidos a mais, ou mesmo uma outra boca e língua para aprender novos movimentos. O que elas fazem?

Apenas não deixaram de se utilizar daquelas “ferramentas e instrumentos” que já as tornaram bem-sucedidas em aprender a língua materna!

Todos nós temos essas facilidades, se resgatarmos aquelas formas de aprender que tivemos enquanto crianças, priorizando a percepção da musicalidade da linguagem (ritmos e entonações) – uma determinada frequência mental (arquivo de memória) na qual, posteriormente, serão registrados os sons e significados específicos.

Quando, enfim, as pessoas me procuram pela natureza do meu trabalho e falam sobre suas dificuldades e bloqueios, posso até antecipar mentalmente suas queixas.

Entretanto, penso, **será que elas se esqueceram de que já aprenderam a mais difícil língua “estrangeira”?** Por que deixaram de se utilizar daquelas formas de aprender que já deram certo?

Aprendendo no Caos

Se perguntarmos a qualquer pessoa “Qual é a melhor forma de se aprender um novo idioma?”, estimo que 95% das respostas serão parecidas com a seguinte: “Mude-se para o país de origem dessa língua”. Em geral, só não respondem isso aquelas pessoas que sequer cogitam a hipótese de viajar para estudar.

Quando, enfim, realizamos essa mudança de país, no caso da língua inglesa especificamente, para países como Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Austrália etc., ou mesmo Índia e outras antigas culturas que receberam tais influências, ninguém, absolutamente ninguém se dirige a nós na rua e diz: “Lesson one, verb to be...”, “This pen is red...” etc. Nada disso! O aprendizado é completa e consensualmente caótico.

Ainda assim, o grande público admite que essa é a melhor forma de aprender. Reflita: se a melhor forma de aprender um novo idioma é no caos (pelo menos, aparentemente), o que é que os cursos tradicionais de idiomas estão fazendo? Tentando organizar o caos?

Ao observar o aprendizado de uma criança, percebemos que suas primeiras palavras estão relacionadas aos principais objetos de seu interesse e necessidade e com a frequência que escuta tais sons ou palavras.

Além disso, existe uma fase do aprendizado na qual a mãe é a grande “tradutora” de suas mensagens.

Nessa fase, quando a criança se expressa, é capaz de atrair a atenção de qualquer adulto próximo, pois seus ritmos e entonações já correspondem aos da nossa língua, apesar de sua dicção não produzir, ainda, sons reconhecíveis por nós.

A mãe, habituada ao convívio com a criança, naturalmente aprendeu sua “língua intermediária” nessa fase do aprendizado. Uma pesquisa realizada por um cientista europeu constatou um dado curioso.

Ele observou que uma criança, filha de mãe americana, temporariamente residente na França durante sua gestação e primeiro ano de vida, teve mais facilidade de aprender o francês do que o inglês – apesar de não ser o francês a língua materna daquela senhora.

Concluiu que, já no útero materno, uma criança se adapta aos ritmos das respirações próprias de cada língua e que, de alguma forma, “escuta”, desde cedo, os sons daquela língua, familiarizando-se com suas sonoridades e ritmos.

Um Dado Surpreendente

Para aqueles que encontram na língua inglesa seus principais medos e desafios, saibam que **65% dessa língua é de raiz latina**. Isso mesmo! Ao ler um texto científico, isso fica ainda mais evidente.

Se quiser comprovar, pegue um dicionário e, folheando-o, compare as semelhanças de radicais. Quase todas as palavras inglesas terminadas em “**tion**” podem se tornar palavras de nossa língua substituindo-se o sufixo por “**ção**”.

De fato, a evolução da língua falada afastou um pouco mais o inglês americano de suas origens latinas (embora a influência hispânica, em algumas regiões, tenha resgatado parte dessa interação).

O mais estranho não são as palavras, e sim os ritmos e entonações, aparentemente pouco familiares à nossa percepção.

Outra “Pérola”

A fluência de alto nível numa língua estrangeira é obtida, estima-se, quando o indivíduo possui um vocabulário ativo de algo em torno de duas a três mil palavras.

Entretanto, uma pesquisa apresentada pela Universidade de São Paulo constatou que o vocabulário da língua portuguesa falada no dia-a-dia constitui-se de, aproximadamente, 600 palavras, ou seja, já com 800 palavras podemos falar uma nova língua cotidianamente, pois as vivências humanas, atualmente, são bastante universais e semelhantes.

De acordo com Joseph Campbell, o crescimento da humanidade que um dia afastou povos pela superfície do planeta é o mesmo que nos une atualmente e que resgata a familiaridade e a universalidade da maior parte das experiências humanas.

Os Arquivos de Memória da Língua Falada São Outros...

Sim! Os arquivos de memória da linguagem escrita ou compreendida conceitualmente não são os mesmos da língua falada ativamente. Isso fica evidente cada vez que uma criança se aproxima de um adulto para perguntar o significado de uma determinada palavra.

Esse adulto pode, com muito cuidado, explicar-lhe o sentido daquela palavra e dar-lhe vários exemplos, evidentemente interessado no aprendizado da criança.

No entanto, essa palavra, muitas vezes, não faz parte do vocabulário ativo desse adulto, ou seja, sabe o que significa, entende quando a ouve, mas nunca usa ou fala essa palavra. É uma palavra de seu vocabulário passivo.

Inversamente, o mesmo adulto pode perguntar àquela criança o que significa uma determinada palavra que o(a) pequeno(a) acabara de proferir.

Talvez essa criança não saiba explicar, mas se utiliza dessa palavra corretamente, sempre que precisa, no contexto adequado, no momento certo – é uma palavra de seu vocabulário ativo.

Outra ocasião familiar é quando se solicita a alguém que leia em voz alta um determinado texto ou comunicado.

Atentamente, essa pessoa fará o melhor possível, buscando clareza de dicção em sua leitura, fazendo as pausas de acordo com a pontuação e até repetindo uma frase ou oração, no caso de algum deslize de fluência ou pontuação.

Porém, se ao final da leitura lhe perguntarmos o que entendeu daquilo que leu em voz alta, possivelmente ela irá solicitar um tempo extra para **ler** novamente, em seu estilo, **para compreender**.

São ambientes mentais e cognitivos diferentes! Para algumas pessoas, eles foram integrados, enquanto, para outros, ainda permanecem “desconectados”. Em nosso trabalho, temos por objetivos reintegrar alguns desses ambientes mentais e intercambiar conhecimentos e competências.

Aprendendo a Aprender

Quando comunicamos a um amigo ou amiga que estamos nos matriculando num novo curso de idiomas ou aprendendo uma nova língua, ocasionalmente essa pessoa nos pergunta se é a primeira língua estrangeira que estamos aprendendo.

Talvez respondamos que sim, talvez que não, talvez seja a segunda ou terceira nova língua. Possivelmente, então, comentará: “Ah, se for a primeira língua estrangeira, talvez você tenha um pouco mais de dificuldade de aprender. Mas se for a segunda, terceira ou quarta, fica progressivamente mais fácil de aprender...”.

Atribui-se a um indivíduo que já fale três ou quatro idiomas uma facilidade muito maior de aprender o seguinte. Isso é uma conclusão bastante comum.

Pergunto, então: **O que é aquilo que nós aprendemos junto com o idioma que torna mais fácil o desafio ou empreendimento de aprender uma próxima língua?**

Inconscientemente, na maior parte das vezes, aprendemos a aprender línguas. Ao conquistarmos a habilidade de falar um outro idioma, nós ativamos nossa percepção para esse universo da realidade humana.

Colocamos em prática aquilo que dá e deu certo. Sem perceber, descobrimos, inconscientemente, como prestar atenção no aprendizado; aprendemos o que é vocabulário ativo e o que é vocabulário passivo (pense naquelas palavras, em outra língua, que você talvez tenha gastado horas para aprender e depois nunca mais ouviu!); aprendemos a nos concentrar e a pensar naquele novo idioma; aprendemos a ouvir e perceber sonoridades, sotaques e regionalismos.

Chamo isso “a receita do bolo” de como aprender, ou “**Estratégias de Aprendizagem**”. São as técnicas propriamente ditas.

Traduções

Qualquer pessoa que já conheça pelo menos um pouco da língua estrangeira e que queira desenvolver a habilidade de falar já deve ter tido a oportunidade de presenciar uma palestra com tradução simultânea ou uma conversa em um grupo de pessoas no qual se falasse mais de um idioma.

Com ouvidos atentos, talvez tenha observado que as versões de um idioma para outro não são traduções precisas. Até nos filmes estrangeiros legendados, com som original, é possível perceber que **não existe** tradução de uma língua para outra! Os bons profissionais de tradução simultânea **não traduzem!**

E aqueles que traduzem perdem as sutilezas da compreensão, quando não a completa inteligibilidade.

Os melhores tradutores são pessoas que capturam o sentido e o objetivo de cada comunicação em uma língua e reconstróem a compreensão no outro idioma (não raro, são especialistas naqueles assuntos a serem traduzidos ou buscam informações e compreensão mais detalhada dos temas, antes de algum trabalho), muitas vezes utilizando conceitos e palavras não proferidos na língua original, porém contextualizados nas necessidades de compreensão da outra língua.

Para nós, brasileiros, que aprendemos na escolinha que “I” = “eu”, ou seja, que o pronome pessoal da primeira pessoa do singular da língua inglesa equivale ao nosso correspondente em português, saiba que essa equivalência é apenas funcional.

Na sutileza da língua, grosseiramente, diria que um não se relaciona em nada com o outro! Quando um americano ou um britânico se utiliza do pronome pessoal da primeira pessoa do singular, “I”, está falando da perspectiva de uma cultura própria de países de Primeiro Mundo que nunca foram de Terceiro Mundo.

Fala a partir de uma língua considerada o idioma mais importante no mundo dos negócios e no qual se escreve esse pronome apenas com letra maiúscula, visto que se refere a um dos mais importantes valores daquela cultura. Sim, o pronome “I” nunca é grafado como “i”.

Quando um brasileiro utiliza o pronome pessoal da primeira pessoa do singular, “eu”, está falando da perspectiva de um habitante de uma cultura proveniente do Terceiro Mundo, na qual é considerado falta de gentileza ou parece arrogância utilizar-se muito desse pronome ou assumir muitos sucessos, onde valeu a “Lei de Gérson”! Fala a partir de certos paradigmas éticos e comportamentais próprios de uma cultura de raiz latina predominantemente católica.

No nosso país, durante muito tempo, uma das frases mais comuns foi: “Não fui eu... Não fui eu!”. Um idioma no qual, para nos referirmos a nós mesmos, na maior parte das vezes, utilizamos o pronome pessoal de segunda ou de terceira pessoa do singular: “tu” ou “você” – observe na comunicação fluente diária quantas vezes, ao se referir a si mesmo, utiliza os pronomes “tu” ou “você”. Isto é, ao falar de si próprio, não utiliza o pronome “eu”.

Além disso, você pode fazer ainda uma outra reflexão, respondendo a algumas perguntas. Cada um de nós possui uma noção subjetiva de temporalidade, ou de sucessão de eventos no tempo.

Isso nos permite saber que aquilo que nos aconteceu ontem foi, de fato, ontem, e não na semana passada. Da mesma forma, intuímos um tempo para os nossos objetivos futuros, e aquilo que pretendemos fazer amanhã nos oferece uma noção de distância temporal diferente dos nossos planos para um futuro a médio ou longo prazo.

Entretanto, apesar de essas evidências estarem completamente registradas e estruturadas em nossa linguagem, ou seja, sabemos diferenciar passado, presente e futuro com considerável precisão, o mesmo não acontece para detalhamentos dentro de cada um desses três universos temporais.

Seja na utilização precisa da linguagem ou na própria estruturação subjetiva de nossos registros de informações e eventos (que se relacionam intimamente), observamos que muitas pessoas não se utilizam da conjugação de determinados tempos verbais. Concluímos, então, que não possuem referência para essas temporalidades.

Experimentalmente, equacionaria essa percepção da seguinte forma (utilizando uma ação simples, tal como “pescar”, como ilustração):

Tempos verbais Tempos verbais
passados: futuros:

Eu pesquei.

Eu pescava.

Eu pescara.

Eu fui pescar.

Eu fora pescar.

Eu tinha pescado.

Eu estivera pescando.

Se eu tivesse pescado.

Eu pescarei.

Eu vou pescar.

Eu irei pescar.

Eu terei pescado.

Eu estarei pescando.

Quando eu pescar.

Projete agora em sua consciência essas experiências, duas a duas, comparando a proximidade ou distância no tempo. Por exemplo, afirme a primeira frase: “Eu pesquei” e perceba, no tempo, quão próximo está esse evento; em seguida, faça o mesmo com a afirmação seguinte: “Eu pescava”.

Compare agora: qual dessas ações é a mais próxima? Qual é a mais determinada? Continue essas comparações, duas a duas, e faça uma escala crescente de distanciamento ou definição temporal.

Você pode, se quiser, ou se não gostar de pescar, escolher outra ação simples qualquer: andar, dançar, pensar, falar etc. Quando tiver essas duas seqüências, uma para o passado e outra para o futuro, proponha as mesmas comparações e a construção de uma escala semelhante para outra pessoa de fora de sua família ou convivência diária.

Observará que, apesar de falarmos a mesma língua, as representações internas para a linguagem, seja em relação ao passado ou ao futuro, podem ser surpreendentemente diferentes. Imagine, então, como seria com outro idioma.

De fato, em relação à língua inglesa, não existe uma tradução exata para os tempos verbais pretérito imperfeito ou mais-que-perfeito de nossa língua. Assim, também, não existe em português uma tradução fiel para o tempo verbal *Present Perfect* do inglês.

Ao aprendermos a nos expressar em uma nova língua, não somente as palavras são diferentes, como também a nossa subjetividade ganha uma nova dimensão e identidade de organização e estrutura (isso para os bons falantes de outras línguas).

Quem passou por essas experiências reconhece que até alguns sentimentos diferentes estão associados a diferentes línguas, às vezes até intraduzíveis. Caso essa mudança não ocorra, o indivíduo permanece como uma daquelas pessoas que se mantêm traduzindo interiormente, para poder representar em sua mente aquilo que ouve e o que vai falar.

Um longo caminho e esforço para apenas tentar obter os resultados que serão naturais se flexibilizar sua identidade.

Resumo

Há muitas contradições nas informações sobre a aprendizagem de idiomas. Essas incoerências, entretanto, não são privilégio dos sistemas de ensino de línguas – fazem parte de todo o atual sistema educacional.

A evolução de nossa cultura e tecnologia, não obstante, está lenta e naturalmente desmascarando uma série de mitos que nos foram oferecidos como verdades.

As evidências capturadas através da prática de um olhar atento clareiam nossa sensibilidade para que possamos escolher melhor nossos próprios caminhos, “para saber onde encostar nossa própria escada”. Essa é a nossa jornada.

Tarefa

Na próxima vez que for se matricular num novo curso de idiomas tradicional, converse antecipadamente com dois ou três professores do método utilizado para sentir se eles atenderão às suas expectativas, compartilhe com eles suas dúvidas e anseios para observar se estão sensíveis às suas necessidades ou se não possuem essa flexibilidade.

Pergunte-lhes também como foi que aprenderam a língua que ensinam e o método do qual se utilizam. Não deixe também de solicitar a sua participação em aulas de diferentes níveis para saber se, realmente, entregam o que estão vendendo. Converse com alunos de diferentes níveis para observar quais são suas possibilidades de evolução nesse método.

Sobre o Autor

Não sou professor de idiomas! Pelo menos, ainda. Mas isso também não faz parte de meus planos.

Fui uma daquelas crianças que aprendia inglês desde oito ou dez anos de idade, freqüentando as mais diversas escolas de línguas. Mas nunca adquiri conversação, naquela época.

Tive a oportunidade de viajar para os Estados Unidos com uma tia aos doze anos de idade. Embora não falasse a língua, me virei muito bem naquela época. O que não sabia, perguntava. E isso tornou-se uma boa memória de referência.

Em outras viagens ao exterior, já jovem adulto, observei que mesmo sem um bom domínio do idioma, conseguia me comunicar com facilidade. Muitas pessoas que conheciam o inglês muito melhor do que eu me pediam ajuda para se comunicar nessas ocasiões.

Quando comecei a estudar mais determinadamente o idioma inglês, era porque tinha uma ótima razão. Queria me aprofundar nos conhecimentos da hipnose e no relacionamento com meus professores. Contratei um professor particular que, durante quase dois anos, me proporcionou uma fluência que ainda não tinha.

Quando comecei a freqüentar seminários de palestrantes internacionais, cuja principal língua era o inglês, novamente isso aconteceu. Amigos e colegas que sabiam mais do idioma inglês me pediam ajuda para perguntar e entender as respostas dos professores.

Durante essa época, até hoje, meu domínio da língua inglesa tem melhorado progressivamente ao longo de seminários, palestras e cursos de hipnose e ciências afins, e em cada oportunidade que tenho de viajar, não só para os Estados Unidos.

Ainda levo um pouco mais de tempo para conversar com britânicos, pois a sonoridade não é tão familiar... Mas é uma questão de alguns minutos para sintonizar os ritmos e entonações. Certamente, quando fico algum tempo sem falar, preciso de mais tempo para entrar naquela identidade.

Apresentação e Agradecimentos

Coleção Histórias que Libertam

Os trabalhos apresentados nesta edição fazem parte dos resultados atingidos a partir da reunião, “mastigação”, “digestão” e síntese das mais variadas experiências pessoais, profissionais, sociais e emocionais e psicológicas vividas pelo autor.

Os “atores” desta peça constituem-se de mestres, professores, amigos e alunos dos vários empreendimentos que antecederam ou coexistem com a editora do Instituto de Desenvolvimento do Potencial Humano.

Gostamos muito de compreender o atual momento pelo qual passa a humanidade como mais um degrau de uma longa jornada evolutiva em que repetimos a mesma transformação pela qual passamos em tempos remotos, porém num nível mais simples. Isto é, quando os organismos unicelulares (expressão máxima da vida há mais de um bilhão de anos) de alguma forma “resolveram” se associar na formação de organismos multicelulares. Houve uma tremenda revolução de modelos de sobrevivência desses seres.

Numa etapa posterior, formaram-se organismos com determinadas especializações e, sabe-se lá quando, apareceram os órgãos. Mais e mais complexidade evoluiu para chegar ao atual cume da criação considerado por nós como o ser humano.

Embora exista algum consenso para a separação entre Homem e Natureza, principalmente no discurso que classifica o comportamento humano de predador ou agressor, talvez possamos também aceitar que nós mesmos somos a própria natureza (em uma de suas múltiplas formas de expressão e manifestação) ou, se preferir, o desfecho atual de nossa jornada evolutiva.

Essa abordagem sistêmica de conceber Homem e Natureza abre a possibilidade de aceitarmos um novo papel ou destino: o de sermos apenas as “células” de um organismo muito maior, mais complexo, mais sofisticado, que possa expressar um padrão de consciência ainda muito mais elevado e, ao mesmo tempo, profundo.

Talvez a religião do futuro seja então voltada para aquilo que nós, seres humanos, possamos criar. Se isso faz algum sentido, que nos reunamos em torno de objetivos comuns, então os templos deste futuro serão as organizações que assumirem a missão e o compromisso de expressar e sustentar o crescimento e o desenvolvimento humano.

Aqui, sonhando com uma era de muita prosperidade e fraternidade verdadeira, mostra-se a mais pura definição de espiritualidade que adotamos, emprestada de um mestre: percebemos o despertar da espiritualidade quando, na segunda-feira pela manhã, cedo, começamos a acordar de muito bom humor... Quando os problemas cotidianos não obscurecem mais nossa visão de longo prazo, nem comprometem o sentido que damos à nossa existência. Quando, enfim, trabalhar será um grande prazer durante o qual estaremos criando um mundo melhor para todos nós.

Nessa “matemática”, um mais um pode ser muito mais que dois. Quem sabe seja essa a principal “tabuada” do próximo degrau da jornada evolutiva humana quando nos referirmos ao imenso poder de pensarmos, planejarmos e agirmos juntos... Às portas do terceiro milênio!

A partir disso, faço agradecimentos especiais àquelas pessoas mais proximamente envolvidas com a concepção dessa nova apresentação deste livro que incorporam os conhecimentos atuais, não obstante, mais antigos, nos campos da educação, ciências do comportamento, antropologia e saúde de uma forma simples e prática.

Algumas delas são Viviani Bovo, minha esposa e sócia, Rubens Queiroz de Almeida e John Winder, sócios e parceiros em vários projetos, Kamil Kerth, Célio Antônio da Silva, Virgílio Vasconcelos Vilela, Hélio e Miriam Torrano, Raquel Bovo, Octávio Bovo, Luiz Modesto e Beatriz Barboza, Danae Stephan, Gilson da Silva Domingues e Solange Reichmann, uma amiga distante porém não esquecida.

Esta lista de agradecimentos deveria ainda incluir muitas outras pessoas que contribuíram direta ou indiretamente com a obra, entretanto, se isso fosse feito, o livro teria quase o dobro do tamanho. Por isso, desejo deixar registrado que esse trabalho não seria possível sem todas essas outras pessoas do presente e do passado que participaram da minha vida e das histórias contadas.

A finalidade principal desta coleção é disponibilizar trabalhos, em sua maioria, já realizados ou criados especialmente nesta ocasião que comprovadamente tenham contribuído para alimentar mudanças de percepção, despertar da força criativa (força interior) ou proporcionar nova compreensão e mais discernimento aos seus leitores ou ouvintes (quer em seminários, palestras ou sessões de atendimento individual).

Certamente, como qualquer outra obra desta natureza, muitas vezes denominada de auto-ajuda, terá sua banda de resultados efetivos para um público limitado.

Se existir algo que possamos considerar diferente neste empreendimento, isto provavelmente será apenas a forma de apresentação estruturada com o objetivo de construir a intuição ou “insight”, além de uma quantidade muito pequena de propostas e compromissos do tipo: “Você **tem de fazer** isso...”, “Você **deve agir ou pensar de tal forma...**”.

Também é diferente o fato de levar em consideração que sua mente interior participa ativamente desta leitura, extremamente atenta e pronta para aproveitar as oportunidades do texto para oferecer-lhe evidências dessa participação. Além do pressuposto de sua extrema inteligência e sabedoria inconscientes... Na prática, isso nos guia para uma nova visão de mundo (quase invertida!).

Lembrando que a maior parte deste trabalho já existia e que a contribuição de várias pessoas tornou possível e viável esta apresentação, da mesma forma, se você fizer uso de alguma destas histórias como presente para alguém que considere precisar, e se este gesto possuir uma intenção sincera de ajuda, apoio e amor, certamente carregará muito mais poder em suas palavras.

Esse se transformará no grande salto pelo qual estamos passando em nosso caminho de aprendizado e desenvolvimento. E assim estaremos atuando juntos na construção de mais saúde física, emocional, psicológica e espiritual.

Coleção Histórias que Libertam

Apresentação da Série

Esta coleção não possui uma seqüência definida ou ordem de leitura entre seus títulos. Por outro lado, as fronteiras entre cada assunto que abordamos nesta série não são precisas. Isso significa que alguns temas ganham maior sentido ao lermos outros títulos relacionados como sugestões. De fato, a apresentação compacta dos temas tratados pede que não se repitam histórias em mais de um título, embora algumas delas sejam importantes em algumas ocasiões diferentes.

Dessa forma, se o estilo de linguagem e abordagem forem atrativos, naturalmente despertarão o interesse pela leitura de assuntos familiares. Especialmente neste caso, sugerimos como um passo importante na compreensão da **Aprendizagem Inconsciente** a leitura do primeiro livro desta série: **“Os Problemas São a Solução”**. Lá estão descritas a filosofia básica que é a atmosfera desta série e a importante atitude da **Leitura Criativa**.

Títulos e Assuntos Desta Série

1. **Os Problemas São a Solução**

Em muitas ocasiões, as maiores e melhores habilidades das pessoas foram forjadas ao superarem os seus mais difíceis desafios. Você já ouviu falar que muitas das pessoas muito bem dotadas não dão valor aos seus "tesouros"? Aceitar os desafios que se apresentam em nossos caminhos e enfrentá-los com sabedoria nos proporciona os prêmios que nossas vidas têm para nos oferecer. Além disso, grande parte das vezes, se soubermos entender os problemas, descobriremos que eles mesmos são soluções para nossos destinos! É o primeiro livro desta coleção e apresenta as linhas gerais dessa abordagem.

2. **Motivação Poderosa - Construindo o Próprio Caminho**

Nos momentos de nossas vidas que realizamos mais com menos esforço, estamos conectados a uma dimensão de nossa concentração e motivação que somente se expressa quando estamos no caminho destinado a nós, seja ao expressar nossos dons ou ao conquistar um grande desafio em nossas vidas. Este livro oferece algumas reflexões sobre esse encontro com nossos maiores poderes e as ocasiões em que se manifestam com maior intensidade.

3. **Renascendo das Cinzas I - Compreendendo a Morte e Conquistando a Vida**

Em nossas culturas ocidentais, a morte é considerada a mais desafiadora experiência humana. Porém, ao longo de nossas vidas, ela se apresenta muitas vezes de forma simbólica ou explícita. Compreender a natureza dessas oportunidades de desenvolver o desapego e aproveitar essas ocasiões para refletir sobre a real essência da vida torna-se uma rica experiência de amadurecimento e aprendizado. Saber "morrer" cria espaço para aprender a renascer. Este é um livro sobre a vida... Escrito para os bem vivos!

4. **Renascendo das Cinzas II - Compreendendo a Morte e Conquistando a Vida**

Naquelas ocasiões em que sentimos a fragilidade de nossas vidas, quando seres microscópicos são capazes de colocar em risco nossos sonhos de viver melhor, criando doenças e limitações em nossa forma de expressão, ficamos preenchidos de medos e maus sentimentos. Outras culturas nos ensinam, entretanto, que essas são ocasiões sagradas de aprendizado profundo e transformação. Poder encontrar o sentido dessas experiências consideradas tão negativas, em geral, permite-nos encontrar saídas para curas milagrosas. Este é um livro sobre libertar-se dos males que acompanham as doenças e provações na vida.

5. **Transformações e Soluções Criativas**

De todas as nossas importantes ferramentas para lidar com as nossas vidas, certamente criatividade é uma das fundamentais. Somente quando somos criativos somos capazes de encontrar nossas próprias soluções. Se observarmos o mundo atual das oportunidades e do caos, certamente concluiremos que ainda existem inúmeras possibilidades de melhorar as coisas para nós mesmos e para as outras pessoas. Entretanto, devemos ativar nossa força criadora para buscar esses resultados.

6. **Criando Mudanças**

Há algumas ocasiões em nossas vidas em que constatamos que tudo possui seu curso natural e não estamos mais excitados com as coisas. Nesses momentos, quando nos sentimos cansados de nós mesmos, aparecem oportunidades de fazermos transformações em nossas vidas... Este livro trata dessas mudanças quando ainda podemos planejá-las. Caso contrário, em breve, "a própria vida vem nos pegar"! Essa é uma importante arte: saber antecipar as crises para ocasiões em que elas ainda podem ser "controladas".

7. **Encontrando o Seu Melhor Destino**

Cartas, bolas de cristal, leitura das mãos, etc, são soluções que a humanidade encontrou para sondar o desconhecido futuro! Porém, cada um de nós possui todas as percepções que precisa para encontrar o seu melhor destino, embora não tenhamos aprendido a identificar tais sinais e evidências em nossas vidas. Por isso ficamos a mercê de tais adivinhos. Ocasionalmente, vivemos experiências de vida que nos enriquecem interiormente porém, se soubéssemos antecipadamente quais seriam as situações a serem vividas, certamente evitaríamos esses caminhos contrariando nossos destinos profundos. Há uma grande sabedoria em antever um futuro possível... Mas também há uma grande sabedoria em desconhecer nossos possíveis destinos... Esse paradoxo somente possui solução quando encontramos o nosso próprio caminho!

8. **A Força do Dragão I - Superando o Medo**

Embora o medo, o pânico e seus irmãos sejam dos mais temidos sentimentos em nossas vidas, certamente a Providência não seria tão estúpida de criá-los se não tivessem uma importância fundamental de nos proporcionar algum aprendizado. Por estranho que possa parecer, na compreensão das novas ciências da cura, tais sentimentos são muito mais soluções inconscientes do que problemas. Aprender com tais manifestações e seguir os caminhos que nos levam a compreender melhor a natureza de tais sentimentos encaminham nossas vidas para um encontro mais rápido com nosso interior.

9. **A Força do Dragão II - Ansiedade, O Combustível do Sucesso**

Nem sempre encontramos os melhores nomes para definir nossos sentimentos. Este livro trata de inteligência interior e da compreensão de que, se dermos nomes negativos a manifestações boas de nossa mente inconsciente, criamos grandes conflitos interiores. Principalmente se tentarmos nos livrar dessas partes de nós mesmos para aceitarmos um papel que não nos é destinado. Aprender a lidar com as sensações que comumente nos invadem faz com que desenvolvamos maior auto-conhecimento e uma compreensão mais profunda de nossa essência, guiando-nos para uma vida melhor.

10. **Força do Dragão III - Conquistando o Peso Ideal**

"Para pessoas diferentes, os chamados são diferentes". Em cada filme de aventura, drama ou ação a que assistimos, cada herói recebe um desafio que serve para construir todo o desenrolar da trama. Para algumas pessoas, encontrar um equilíbrio em sua forma de se alimentar ou estabilizar um determinado peso impulsiona-os para buscas de "segredos sagrados" em qualquer parte do mundo. Poucas vezes vão buscar essas soluções dentro de si mesmas. Quando reconhecemos que nossos desejos e vontades são elaborados numa dimensão mais interior, compreendemos que nossa mente inconsciente conhece, há muito tempo, as respostas que buscamos. Saber se alimentar, aprendendo a reconhecer as necessidades e percepções de nosso próprio corpo, é uma oportunidade para qualquer pessoa, não somente para obesos ou magros.

11. **Desbloqueando o Aprendizado de Idiomas I**

Desbloquear o aprendizado de línguas é apenas um passo no processo de compreender de uma forma completamente diferente a natureza da educação. Se cada um de nós já aprendeu a mais difícil língua estrangeira (a nossa própria língua mãe, quando éramos crianças), por que não usamos as mesmas estratégias para os outros idiomas? Porque nossa educação nos instala inúmeros bloqueios ao longo da vida. Este livro explica as razões de tais dificuldades.

12. **Desbloqueando o Aprendizado de Idiomas II**

Este livro, como continuação do anterior, oferece algumas dicas sobre como conquistar a habilidade de falar outros idiomas com naturalidade, facilidade e rapidez. São dicas que incluem alguns exercícios para ativar nossa mente inconsciente para que volte a funcionar como quando aprendemos o mais difícil idioma estrangeiro... o primeiro deles, chamado de língua mãe.